

Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro
Estudo 5 - "A promessa da Efusão do Espírito"
Joel 1 a 3

Elaborado por Ana Maria Suman Gomes
anasuman@pibrj.org.br

Nosso profeta de hoje recebeu o nome de Joel, nome cujo significado é “O Senhor é Deus”, quase semelhante ao do nome Elias. Elias quer dizer “Meu Deus é Javé.” É, então, seu nome, uma forma de proclamar a fé no Deus de Israel. Pouco sabemos a respeito dele. O livro foi escrito por um narrador e tem características da literatura apocalíptica .

Conhecemos o nome do seu pai, Petuel. A partir do estudo do livro aprendemos que era judeu, pregou em Jerusalém, detinha conhecimento sobre a vida do campo, era muito culto, erudito. Familiarizado com a mensagem e com a linguagem profética, Joel se apresenta como interessado no templo e no clero. Não menciona a monarquia, mas se interessa pelos sacerdotes e anciãos, como podemos ver nos seguintes textos, entre outros:

“As ofertas de cereal e as ofertas derramadas foram eliminadas do templo do Senhor. Os sacerdotes que ministram diante do Senhor estão de luto...Ponham vestes de luto, ó sacerdotes, e pranteiem; chorem alto, vocês que ministram perante o altar. Venham, passem a noite vestidos de luto, vocês que ministram perante o meu Deus; pois as ofertas de cereal e as ofertas derramadas foram suprimidas do templo do seu Deus.” Jl 1, 9 e 13. Ainda: “Ouçam isto, anciãos; escutem, todos os habitantes do país. Já aconteceu algo assim nos seus dias? Ou nos dias dos seus antepassados?”(Jl 1,2.)

Em que período profetizou Joel? Pergunta interessante que ainda não encontra

consenso na pesquisa bíblica. Em linhas gerais, Joel tem sido datado desde o nono século até o terceiro século aC. A tendência predominante aponta para a época pós-exílica. Pablo Andinach, por exemplo, após analisar as palavras da profecia e compará-las com diferentes períodos da História, entende que Joel foi composto no final do período persa, provavelmente pouco antes da chegada de Alexandre Magno. Para ele, o texto situa-se entre os anos 551 e 332 aC.ⁱ

Se ele estiver correto, Joel desfrutou de liberdade religiosa, desde que os impostos fossem rigorosamente recolhidos e a autoridade persa reconhecida e respeitada. Os persas não toleravam rebeldias. Como curiosidade, releia a narrativa de Esdras, principalmente no capítulo 4.

No entanto, se os defensores da idéia de que Joel profetizou entre os séculos 7 e 8 aC, vamos encontrá-lo na companhia de Amós e de Oséias. Os que defendem esta idéia lêem Joel a partir de Sofonias 1,2 a 2,3 e de Jeremias 14, 1-15,9. De Sofonias vemos semelhança na descrição do “dia do Senhor” e, de Jeremias, a descrição de uma catástrofe agrícola, semelhante à idéia da praga de gafanhotos, tão característica de Joel.ⁱⁱ

Sobre o que fala Joel? A mensagem de Joel pode ser dividida em duas partes principais. Na primeira parte, de 1 - 2,27, o profeta faz considerações sobre a vida de Israel. Aqui ele convoca os anciãos a proclamarem aos filhos e aos netos que uma grande catástrofe acontecera, tão grande como nunca havia sido vista por

eles. Valendo-se de uma linguagem poética, a denúncia aponta para a calamidade, que até hoje nos faz tremer de horror:

“Contem aos seus filhos o que aconteceu, e eles aos seus netos, à geração seguinte. O que o gafanhoto cortador deixou, o gafanhoto peregrino comeu; o que o gafanhoto peregrino deixou, o gafanhoto devastador comeu; o que o gafanhoto devastador deixou, o gafanhoto devorador comeu.” Jl 1, 3 e 4.

A desgraça, já bem caracterizada, ainda recebe atenção do profeta: “as ofertas de cereal e as ofertas derramadas foram eliminadas do templo do Senhor, estão de luto. Os campos estão arruinados, a terra está seca, o trigo está destruído, o vinho novo acabou, o azeite está em falta. Desesperem-se, agricultores, chorem, produtores de vinho; fiquem aflitos pelo trigo e pela cevada, porque a colheita foi destruída. A vinha está seca, e a figueira murcho...Secou-se, mais ainda, a alegria dos homens.”(Jl 1, 8-12)

Joel se utiliza da figura familiar do gafanhoto para apontar para a devastação praticada por exércitos inimigos. Pablo Andinach escreveu um importante artigo onde demonstra que a comparação de exércitos com gafanhotos era comum à literatura extrabíblica, como também presente na literatura bíblica. São alguns exemplos: Juízes 6, 3-5 onde midianitas são ditos “numerosos como gafanhotos”, em Jeremias 46,23 gafanhotos são comparados com o exército de Nabucodonozor e, em Naum 3, 15-16 os assírios são descritos como gafanhotos vorazes que destroem tudo à sua volta.ⁱⁱⁱ

Após o apelo a que se perceba a gravidade da situação, Joel apresenta a necessidade de arrependimento para que

a promessa do Senhor se cumpra e a devastação cesse.

Interessante a necessidade de se chamar a atenção para algo que deveria ser evidente, notório. Como não perceber um problema tão grave? Difícil este ponto. Será, pensamos nós, que estamos atentos aos sinais de devastação que Deus tem nos enviado? Estamos sensíveis à observação do que se passa ao nosso lado ao ponto de podermos compreender que, também para nós, há necessidade de arrependimento e contrição?

A segunda parte desta linda profecia retrata dias futuros. Ela se inicia no capítulo 2, 28 e vai até o final do livro. Diante de nós o tema do chamado “dia de Javé”, quase sempre presente na literatura profética. Nesse dia, diz Joel, a intervenção de Deus seria tão evidente que “derramarei o meu Espírito sobre todos os povos; os seus filhos e as suas filhas profetizarão, os velhos terão sonhos, os jovens terão visões. Até sobre os servos e as servas derramarei do meu Espírito, naqueles dias.” Jl 2, 28-29. Sim, com a chegada do Espírito de Deus sobre todos, aqueles que até então se achavam excluídos agora seriam também capazes de compreender a palavra de Deus e de ouvir a voz de Deus.

Não haveria somente derramamento do Espírito naqueles dias, diz Joel. As nações seriam julgadas: “despertem, nações; avancem para o vale de Josafá, pois ali me assentarei para julgar todas as nações vizinhas.” (Jl 3,12)

Curiosamente, costumamos celebrar o derramamento do Espírito mas nos descuidamos da consideração aos ditos de julgamento. Rapidamente associamos a profecia com o cumprimento da descida do Pentecostes, registrado em Atos 2, mas

não nos lembramos de que a presença do Espírito caminha junto com a santidade, a justiça e o juízo. Joel apela: “multidões, multidões no “Vale da Decisão”, pois o dia do Senhor está próximo, no “Vale da Decisão.” (Jl 3,14)

Para aqueles que, mesmo parte integrante de multidões, se aproximarem de Deus, conscientes dos erros que causaram a devastação e deles arrependidos, o Senhor Deus surgiria como um refúgio que traria a revelação de que “então vocês saberão que Eu sou o Senhor, o seu Deus, que habito em Sião, o meu santo monte.” (Jl 3,16)

Querido ouvinte, querida ouvinte. Este é um momento especial, porque somos apresentados à necessidade de perceber o que nos cerca com olhos espirituais, analisar a devastação em curso, pensar nas razões, corrigir o que estiver em desacordo com a Palavra de Deus e, depois disso, com a ajuda do Espírito Santo outorgado pela fé em Jesus Cristo, ser apresentado ao Senhor como refúgio poderoso e eterno. Que Deus mesmo nos ajude a enxergá-Lo como tal.

ⁱ ANDINACH, Pablo R. *Joel: a justiça definitiva*. Em Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana 35/36. Petrópolis:Vozes, 2000, p. 166.

ⁱⁱ Para conhecer mais detalhes sobre esta segunda hipótese, ver SICRE, José Luís. *Profetismo em Israel – O Profeta, os profetas, a mensagem*. Petrópolis/Vozes. 1996, p. 326

ⁱⁱⁱ ANDINACH, Pablo R op. Cit. p. 168